

BRASIL PEREGRINO NA ALEGORIA BARROCA

Maria Francelina Silami Ibrahim Drummond*

RESUMO:

Estuda-se no Peregrino da América (1728) articulação de dois planos narrativos – um de moralidade, outro de cenas de costumes na Colônia –, este sendo responsável pelo sucesso do livro. Essa narrativa alegórica é fonte para história da leitura e texto precursor dos primeiros esboços de nação na Literatura Brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: *alegoria, costume colonial, leitor, nação.*

O *Compêndio narrativo do peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira, editado em 1728, está entre os livros de maior circulação na Colônia. Atesta-o não apenas sua fortuna crítica (Drummond: 2000) como o confirmam estudos recentes que investigaram fontes arquivísticas e cartoriais dos séculos XVIII e XIX no Brasil. (Araújo: 1999)

O sucesso do *Peregrino da América* naquela época tem sido equivocadamente analisado pela crítica e historiografia literárias. Tornou-se ponto indiscutível afirmar que este livro foi muito lido no Brasil e em Portugal em função de seu caráter moralista e edificante. Como se tratava de uma época eivada do peso da Cristandade, ainda submetida às normas do Concílio de Trento e a um rigor moralista que vigorava pelo menos em nível discursivo, nada mais fácil do que incluir nessa moldura a interpretação do *Peregrino da América*. O enredo aparentemente colabora para essa conclusão: o livro narra a história de um peregrino que desce da Bahia para Minas, em início do século XVIII, horrorizado com a situação de vícios, crimes e delitos que o diabo, transmigrado da Europa para a América, insuflava os homens a cometer. Sem nome nem procedência declaradas, o andarilho tem o propósito de ajudar a combater aquela situação de miséria imaterial, gerada sobretudo pela

* Doutora em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Comparada), 2000.

descoberta do ouro, e a arma de que dispõe nada mais é senão a *palavra*. Admoesta, aconselha, prega o exemplo sadio e a esperança num reino de justiça e fraternidade. Esta fala é a que denomino *primeira narrativa*, fundamentada nas Escrituras, nos pensadores da antigüidade clássica, em São Paulo e Orígenes, no cristianismo do século IV, em Agostinho, Gregório Magno, Ambrósio, Tomás de Aquino e ascetas do século XVII. Ela se impõe com força persuasória própria da argumentação conceptista, que joga com extremos e contrastes, encenando situação dual e maniqueísta na qual o homem vislumbra o poder incontestável da ordem divina. No entanto, esse discurso é permeável, deixando à mostra inúmeras contradições da consciência humana atribulada, no limiar do teocentrismo para o antropocentrismo, pelo dilema básico: o homem sente o apelo do *carpe diem* e a aflição do *memento mori*. Por isso, a tematização barroca da *viagem*, elaborada no pensamento de São Paulo e continuada em Agostinho, transparece primeiramente como alegoria maior dessa narrativa que marca o *começo histórico* (Sussekind, 1990: 7) da ficção no Brasil: o homem tem o destino de ser andarilho nesta terra, a caminho da eternidade. Este sentido da *viagem* foi recuperado como tema de uma longa tradição literária, incluindo a literatura ibérica dos séculos XVI e XVII, reaparecendo na literatura brasileira colonial com *O peregrino predestinado*, de Alexandre de Gusmão (1682) e sendo retomada no *Peregrino da América*, com outras significações. Será viagem pelo Brasil, tomada no sentido do reconhecimento da cultura colonial; e será também uma viagem encenada aos livros.

A *primeira narrativa* permite vislumbrar elos que unem a literatura colonial a modelos e temas universais e, ao mesmo tempo, oferece subsídios para análise da *citação*, considerada não apenas referência direta a autores, mas procedimento narrativo amplo que engloba, além da citação propriamente dita, a alusão, colagem, recorrência a textos e apropriação de outros discursos, em elaborado jogo intertextual com objetivo *exemplar*. Tal narrativa se articula com um segundo nível discursivo que espacializa o enredo na Colônia, recortada em cidades, fazendas, sítios e povoados por onde o peregrino passa e é hospedado.

Nesta *segunda narrativa*, pode-se apreciar a intenção irônica do narrador em mostrar o interdito e a permissividade da vida no Brasil. Ela se compõe de casos cotidianos sobre comportamento das pessoas, das mais comuns às mais tituladas,

ocupantes de cargos públicos, civis e eclesiásticos, de maneira que a sociedade colonial parece ali representada. Mostra – aparentemente à revelia do autor/narrador caracterizado como herdeiro do pensamento jesuítico, leigo inconformado que clama por justiça – o retrato da Colônia captado em seu duro realismo: clero devasso e alheio à tarefa da evangelização, relatos de mancebia e adultério, prostituição de meninas, pactos com o diabo, assassinatos, perfídias, logros, corrupção da justiça, superexploração do trabalho escravo e tantos mais. Essas imagens são construídas como *cenias vivas*, pequenos enredos de situações da vida cotidiana, detalhadamente, de modo a causar surpresa ao leitor atento à seriedade da *primeira narrativa* mesmo que esses casos tenham o objetivo de ilustrar e exemplificar a pregação moralista. Não apenas surpreendem mas, cheios de contornos e minúcias, são geralmente engraçados e mordazes.

Entretanto, à medida que foram extraídos do cotidiano colonial – pois o peregrino tem olhar de cronista e se preocupa visivelmente em *registrar* aspectos da cultura no Brasil – os trechos que compõem a *segunda narrativa* provavelmente terão contribuído pela preferência de leitura que o *Peregrino da América* teve no século XVIII. Nessa articulação de dois níveis narrativos tão marcadamente expressos, analiso as potencialidades de leitura e o chamariz do leitor que o livro teria, à sua época, desencadeado.

Se a leitura era hábito *rarefeito* em meio à maioria iletrada, sabe-se de outro hábito difundido, o da "escuta" da leitura alheia. Alguém lia para o grupo que não conseguia decifrar o código escrito ou não tinha acesso ao livro. Muitos recursos narrativos usados no *Peregrino da América*, como descrições detalhadas, movimentação de cenas, trocadilhos e justaposição de imagens, sugerem essa possibilidade de texto para se ler em voz alta. Concorreram também para formar o gosto pela leitura literária as cópias manuscritas de livros, caros e inacessíveis, que corriam em muitas mãos, como a transcrição de textos do século XVIII, encontrados por Câmara Cascudo. (Cascudo, 1978: 197). Em Minas dos dias atuais, a prática se mantém, haja vista uma vasta documentação manuscrita, de cunho literário, produzida nas décadas de 50 e 60 e recentemente encontrada em Ouro Preto. Nosso incipiente público leitor ia-se formando nesses diversos caminhos ao encontro do livro, chegando mesmo a

existir, não em tempo remotos, mas a mostrar outra prática cultivada, pessoas que sabiam de cor e *declamavam* narrativas de gosto popular. (Casudo, 1953: 22).

É provável que a *segunda narrativa* do Peregrino da América não tenha passado em branco para esse *leitor*, copista, ouvinte e declamador justamente porque ele se identificava com ela; o narrado era a possibilidade encenada de auto-reconhecimento, oportunidade de riso e brincadeira, em contraste com o primeiro nível do discurso que, em certas passagens, chega a ser aterrador.

Esta foi, a meu ver, a cilada irônica em que a crítica e historiografia literárias caíram, ao centrarem o olhar na pregação moral, desconhecendo o segundo aspecto da narrativa na qual entram a parábola, a sátira, o deboche, a descrição da espontaneidade do cotidiano. Desconheceram, por isso, que houve um leitor *histórico* de cuja existência decorreram as edições que o livro teve no século XVIII e a popularidade de que gozou.

Outra metáfora recorrente no *Peregrino da América* tem apelo especial como fonte para a história da leitura no Brasil: o narrador empreende uma *viagem aos livros e ao conhecimento erudito*. A primeira marca dessa intencionalidade – conduzir o leitor a *livros* – está contida na alusão à alegoria do Anjo do Apocalipse que, trazendo um livro às mãos, ordena que ele seja *devorado*. Diversas vezes o narrador recorre a essa imagem do livro como alimento: "*Sabei que os livros também se comem: assim mandou Deus dizer pelo Anjo a S. João*" (Pereira, 1988 :v. I, 26) e a ela retorna ao falar de autores ibéricos muito conhecidos à época, como Jerônimo Cortez e seu *Lunário perpétuo* (1703), guia prático de conhecimentos astrológicos, medicinais, agrícolas ainda hoje lido e por vezes reeditado; Belchior de Santa Cruz Bueñas e a *Floresta espanhola*; Cervantes, Heitor Pinto, Rodrigues Lobo, Francisco Manoel de Melo, Amador Arraes, Quevedo e Olívia Sabuco, entre tantos outros. "*Homem muito versado nas histórias dos livros sagrados e profanos*" ,(Pereira, 1988: v. I, 293), o peregrino transita no jogo irônico entre despojamento material e capacidade para fazer reflexão erudita. A estratégia de escrita é traçada a partir da experiência e de suas leituras; ele cita confiado na memória e evocação de livros, pois, diferentemente do eremita de Petrarca, o peregrino não leva nenhum livro consigo. A esta estilização do narrador sem livros, mas portando a memória deles, corresponde

o estímulo à leitura e à então chamada *instrução pública* que também sustentarão, já no século XIX, o ideário romântico de nação. E não é apenas citando autores, mas também visando ao gosto pela leitura que o narrador fala de livros, inventa uma narrativa mesclada de poesia de cunho popular, quadras, cartas, provérbios, trocadilhos e alusões próximas da fábula. Dirige-se ao leitor erudito e tenta atrair atenção do leitor mais comum, o que se formava, embora, como moralista, condene leituras que "*ensinam a falar, para pecar*". (Pereira, 1988: v. I, 27). Por outro lado, o peregrino trabalha com concepções contemporâneas de *texto* e *escrita*. Apresentando-se como compendiador, ele adota o ponto de vista segundo o qual os textos se retomam, reescrevem e retocam, aludindo à intercomunicação, à intertextualidade. Ao afirmar que "*quis seguir alguns autores da melhor nota nesta minha escrita, que também usaram deste modo de escrever em diálogos, e interlocutores*," (Pereira, 1988: v. II, 34), está justificando não apenas opção estilística, mas também se situando na tradição literária como leitor dos clássicos, de ascetas e místicos medievais, novelas de cavalaria, de Vieira, Alexandre de Gusmão e Gregório de Matos.

Além da crítica à vida colonial, o *Peregrino da América* encena uma sociedade em confissão, relatando-se e relatando a vida em minúcias. Ouve-se a fala do dominante e, em certo sentido, a do dominado. Escrito como um longo *diálogo* no qual o Peregrino conta a viagem ao Tempo (alegorizado num velho), em técnica de *flash-back*, o livro acolhe, como já referi, inúmeros signos da vida no Brasil, visando a mostrar a complexidade de traços e influências culturais em estágio de multiculturalismo e, nalguns aspectos, de aculturação e sincretismo. Alguns exemplos disso são a caracterização de feitiçaria na cerimônia de candomblé e a descrição trágica do encontro entre o Peregrino e negros trabalhando em dia santificado, sob a desculpa do fazendeiro de que assim agia para evitar que seus escravos se embriagassem, caso tivessem folga para irem à igreja.

Se há falas e ruídos de ricos e pobres, brancos e pretos, padres e civis, mulheres e crianças, há também muitos silêncios, como o do índio, apenas referido três vezes, sem voz : junto de um mineiro como "*um índio da terra que o acompanhava fielmente*", (Pereira, 1988: v. I, 220); justificando ladrões que se "*atam em uma árvore*" (Pereira, 1988: v.I, 270) e vendendo "*uma bola de âmbar*." (Pereira, 1988: v. I, 274). A presença do negro, em contrapartida, é marcante e só concorre com a do judeu, que

o Peregrino não perde de vista para satirizar e responsabilizar por avareza e delação contumazes. Há uma forte tendência de atacar o clero secular, rude e ignorante.

Sem forçar a interpretação no rumo historiográfico colado aos fatos, é possível identificar insinuações do *Peregrino da América* a acontecimentos sociais mineiros, como a guerra dos emboabas, em 1709, cujo sinal de possíveis simpatias está implícito na *súplica* do livro dirigida a Manuel Nunes Viana que fez editar o livro em Lisboa. Realçando a rota Bahia-Minas como percurso da ficção, é sintomático que o autor do *Peregrino da América* tenha ignorado a força *bandeirantista* de São Paulo sobre Minas e passado ao largo dos territórios auríferos de Mato Grosso e Goiás, já então descobertos pelos paulistas. Na caracterização da sociedade colonial, ele não expõe o clero regular à sátira, poupando-o de situações vexamosas e evitando apresentá-lo como protagonista de vícios e pecados, em contraste com o clero secular, causticado nas mais diversas ocasiões de delitos e penas. Terá sido mera coincidência com a prática emboaba, tolerante com os frades, muitos dos quais deram suporte à luta? Embora a documentação conhecida não confirme a participação do autor no conflito, é provável que ele tenha conhecido o território das minas e até chegado a Vila Rica.

Alguns argumentos do narrador sugerem aproximações com a realidade social, como sua atenção declarada com o *peregrino político* (Pereira, 1988: v.I, 37) e não apenas o espiritual; a indignação com o trabalho escravo e as condições em que viviam os negros no Brasil, além dos abusos contra pobres e desamparados, em menção indireta a vícios de colonização. Não há, pois, como ignorar que, embora trabalhe com a metáfora da viagem significando passagem para a vida eterna, o narrador, viajante e cronista, vislumbre também o Brasil histórico, em sentido presente (*ver*) e prospectivo (*sonhar* com a superação daquele presente de contingências e vícios). Ele quer compreender vendo, observando e registrando e, assim, pela primeira vez, a narrativa de ficção se detém nas maneiras peculiares de vida dos habitantes do Brasil, tomando-as como matéria ficcional. A viagem é, pois, uma sucessão de cenas que enquadram e detalham flagrantes de homens comuns no interior das casas, em roças, caminhos, fazendas, nas ruas de Salvador e em torno das minas de ouro. Esses detalhes compõem pequenos enredos que o narrador ajunta, através do diálogo, construindo uma narrativa de motivos variados. A matéria básica desse

discurso é o *costume* no qual o cronista se detém. Ora, buscar o costume talvez seja a forma mais adequada de perceber a cultura, sobretudo quando se considera que o "*costume é a morada do ser*", (Lima Vaz, 1988: 12), o lugar privilegiado da revelação de *como* somos. E, ao ficcionalizar o costume colonial, o *Peregrino da América* inaugurava a representação de um Brasil visto através da cultura e não mais, da louvação ufanista da natureza.

Baseado nesse costume e reconhecendo nele virtudes e potencialidades da gente do Brasil – em primazia sobre a *terra* do Brasil, o narrador insinua uma utopia de *comunidade fraterna*, tomada como esboço da idéia de nação. Ela provém da reflexão recorrente sobre a vida do homem neste mundo, resultado de sua formação ascética (está nos antigos, nos clássicos, nos medievais, passa pela Renascença e atinge o Barroco), e também decorre na crença pré-romântica no povo, sua cultura e natureza em que vive. O olhar do ficcionista localiza esse esboço de *nação* na cultura colonial fragmentária, híbrida e miscigenada, mostrando a tensão dilemática entre vício e virtude de onde extrai um *ethos* purificado para sua comunidade idealizada.

Essa idéia de *nação* se elabora no *Peregrino da América* na montagem do retrato do Brasil, com elementos da tradição de representação da *terra* dos primeiros cronistas; simbolização da *cidade*, no modelo ascético, e da *pátria*, nos místicos. A *terra* será repetidas vezes associada à polaridade paraíso/inferno e está na evocação lírica da paisagem que acolhe e mesmo amedronta o narrador. A *cidade* tem lastro em precedentes ilustres nos discursos utópicos e, na representação barroca do *Peregrino da América*, se revela na esperança de reconstrução do Brasil como "*empório do mundo*". (Pereira, 1988: v. I, 37). Já *pátria* é a aspiração imaterial e fim, resultante da peregrinação bem feita na terra.

A retratos anteriores da Colônia – de Frei Vicente de Salvador, Ambrósio Fernandes Brandão, de Antonil –, o *Peregrino da América* agregará outros contornos e outras cenas de como vivia e se manifestava o Brasil. Esses retratos ajudarão a compor uma tradição na qual se espelhará a *nação imaginada* dos românticos. Serão sobretudo ingredientes essenciais do repertório de formação do imaginário social brasileiro. Nele parece viver a *nação*.

O peregrino alegoriza um Brasil andarilho, mutante, formando-se; visto, pois, em sentido prospectivo. Essa imagem se vincula ao significado de Apocalipse, ou da profecia, revelação das coisas ocultas, especialmente referentes ao futuro. Neste sentido, o olhar do Peregrino é utópico. Por isso, o leitor descobre, no jogo contraditório entre a narrativa de moralidade e a outra sobre o cotidiano do Brasil, um sentido profético do discurso: *falar das coisas que vão acontecer*.

NOTAS

1. Tomei-o como objeto de estudo na tese de doutoramento em Literatura Comparada, enfocando sobretudo o tema *viagem* na literatura brasileira, as vias de formação do público leitor na Colônia e a elaboração das primeiras idéias sobre *nação* entre nós.
2. Citação abundante de textos e autores desde a Antigüidade Clássica, passando por pensadores medievais, místicos e ascetas, renascentistas e barrocos; abordagem da literatura, do livro e da leitura como temas da narrativa.
3. O aspecto aterrador da narrativa sugere aproximação de leitura com os *manuals de confessores* do século XVII e alguns termos de exorcismo.
4. Em 1872, mostrando certa convenção de leitura do *Peregrino da América*, Varnhagen ainda o recomendava a seminaristas, apontando nele as grandes qualidades do moralista.
5. Houve cinco edições do *Peregrino da América* no século XVIII: 1728, 1731, 1752, 1760 e 1765.
6. Exemplo importante, entre outros, é a citação da muito lida *Imagem da vida cristã* (1572), de Frei Heitor Pinto, tomada como modelo.
7. O *sabiã*, que mais tarde se tornará ave-símbolo do Romantismo, aparece pela primeira vez na literatura brasileira, em contraposição ao rouxinol europeu.
8. Está no capítulo XI do *Peregrino da América* a primeira representação literária do candomblé na Literatura Brasileira.
9. Ideologemas como esses, cristalizados no imaginário popular, que ainda nutrem o acervo de preconceitos raciais contra negros e mulatos, são temas explorados na narrativa.
10. Cf. documentos 28, 38, 39 e 43 do *Código Costa Matoso*.
11. A escravidão é severamente criticada como pecado social contra a justiça.
12. Concepção antecipatória, intuída como comunidade virtuosa e fraterna que é possível à luz do *plebiscito de todos os dias*, de Ernest Renan, e do conceito performativo de nação, de Homi Bhabha que desloca o eixo do estado-nação como espaço que deixou de representar o mundo contemporâneo cada vez mais integrado, para o de temporalidade de uma *comunidade imaginada*, na expressão de Anderson.

RÉSUMÉ:

On étudie dans le Peregrino da América (1728) l'articulation entre deux plans narratives – un lié à une vision morale; l'autre à la vie de la Colonie.

Cette narration allégorique est une source importante pour l'histoire de la lecture e un texte antecipeur d'un portrait de la nation dans la Littérature brésilienne.

MOTS-CLÉS: allégorie, cesteur, nation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1993.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *O perfil do leitor colonial*. Salvador: UFBA; Ilhéus: UESC, 1999.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo: introdução ao estudo da novelística no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

_____. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL 1978. (Documentos Brasileiros, 186)

CÓDICE COSTA MATOSO. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1999. (Mineiriana).

DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim. *Brasil peregrino na alegoria de Nuno Marques Pereira*. 2000. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio. *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1988.

PEREIRA, Nuno Marques. Compêndio narrativo do peregrino da América. Rio de Janeiro: ABL, 1988, 2 v. In: SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990